

A PAISAGEM SOB A PERSPECTIVA DAS NOVAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS

Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo¹

A proposta deste texto é focar a contribuição das novas abordagens sobre o entendimento de paisagem, dada pela Geografia Cultural, a partir de 1970. No entanto, não podemos deixar de considerar a importância dos geógrafos alemães, que estabeleceram as bases da geografia cultural no final do século XIX, no âmbito da geografia tradicional, a partir do momento que a geografia chegou às universidades, passando a ter status de ciência.

O termo cultura foi introduzido pela primeira vez na geografia, através do alemão Ratzel no campo de investigação da *antropogeografia*, traduzida por geografia humana, dirigida a estudar as relações entre sociedade e meio. Assim, desde os seus primórdios a geografia humana contém um componente cultural (CLAVAL:1999:19-20), constituindo a geografia cultural um subcampo da geografia humana, tendo como objeto de interesse a diversidade do meio ambiente transformado pelo homem (WAGNER & MIKESSELL: 1962:VII).

A cultura como objeto de estudo da geografia cultural não tem se limitado a geografia, devendo-se o progresso das pesquisas realizadas nesse campo, aos movimentos através de fronteiras disciplinares comuns, com a antropologia, arqueologia, ecologia e história (WAGNER & MIKESSELL: 1962:VIII).

No âmbito da geografia, a cultura foi considerada com acepções distintas, sendo alvo de amplos debates entre as correntes de pensamento que a adotaram como fundamento das suas abordagens, nos diversos momentos históricos.

Na Geografia Tradicional, a paisagem, um dos conceitos mais antigos da geografia, foi um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães utilizando a dimensão cultural, incorporada na década de 20, do século XX, pela geografia cultural por meio do geógrafo americano Carl Sauer, da Escola de Berkeley.

Nessa perspectiva de abordagem, era privilegiado a análise morfológica da paisagem, sendo a cultura apreendida através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos aspectos materiais, utilizados pelo homem de forma a modificar o ambiente natural visando a torná-lo mais produtivo. A finalidade dos

¹ Doutora em Geografia Humana/ UFRJ e Professora Adjunta do Depto. de Arquitetura e Urbanismo da UFPE. Email:veramelo@hotmail.com.br

estudos geográficos para Sauer era analisar as paisagens culturais, e a morfologia física deveria ser vista como um meio, transformada pelo agente que é a cultura (SAUER:1998:59). Dessa forma no estudo morfológico proposto por ele não eram considerados os aspectos subjetivos da paisagem, pois estes não podem ser classificados ou mensurados, sendo assim, não poderiam fazer parte do contexto científico.

O conceito de cultura adotado por Sauer, baseado no conceito esboçado pelos antropólogos Kroeber e Lowie,² provocou críticas entre alguns geógrafos adeptos da Nova Geografia Cultural, como as do geógrafo Duncan, com relação ao fato dos geógrafos americanos conceberem o conceito de cultura como uma “*entidade superorgânica*” (DUNCAN:1980:182).

Tanto Sauer como seus discípulos partiam do pressuposto da separação entre o indivíduo e a cultura, sendo o indivíduo concebido como um simples “*agente de forças culturais*” (DUNCAN:1980:181-184). Nesse sentido, era a cultura que determinava as ações dos indivíduos. Para CORRÊA (1989:120), Sauer abandonou o determinismo ambiental e, no entanto, adotou o determinismo cultural, também uma versão do darwinismo cultural presente naquela concepção antropológica adotada pela Geografia Cultural. Ainda nessa perspectiva de abordagem, a noção de cultura era reificada, tendo-se como hipótese que a cultura era internalizada de forma homogênea pelos grupos humanos, prevalecendo, no seio desses grupos, o consenso, não havendo conflitos intra-culturais (DUNCAN:1980:181-191).

Outras críticas ao conceito de cultura adotado na Geografia Cultural Tradicional foram feitas, como a de CLAVAL (1999a:10), que afirmou que o conceito de cultura saueriano tinha uma visão global e estática da cultura, como também não eram explorados nem interpretados os elementos utilizados por aqueles que são os portadores da cultura.³

A obra de Sauer, apesar das críticas⁴ que recebeu, representa uma grande contribuição ao pensamento geográfico, ao fazer da paisagem um dos seus conceitos-

² - Ler sobre a influência de Kroeber e Lowie na obra de Sauer e a abordagem “*superorgânica*” da cultura em JACKSON(1992:16-20).

³ - O conceito de cultura adotado na Nova Geografia Cultural também foi criticado por Don Mitchell, desencadeando um debate com os geógrafos culturais Jackson, Cosgrove e os Duncan. Segundo Mitchell, os novos geógrafos culturais consideravam a cultura como uma categoria ontológica “*socialmente causativa*” e, dessa forma, continuavam a reforçar o culturalismo. Para ele, seria mais importante desenvolver a idéia de cultura como “*meio de ordenar e definir o mundo*” (MITCHELL: 1999:47).

⁴ - Um outro tipo de crítica foi feito por Richard Hartshorne, em sua obra “*The Nature of Geography*”, de 1939. Um dos seus questionamentos se refere ao conceito de paisagem utilizado por Sauer, que se baseia no vocábulo alemão “*Landschaft*”, que pode significar paisagem ou região, mas foi introduzido na geografia americana como simplesmente “*Landscape*”. Para ele, a utilização desse conceito, em virtude da sua ambigüidade, traz mais confusão do que clareza (HARTSHORNE:1969: 3). Outras questões, nessa mesma obra, sobre o conceito de paisagem na perspectiva de Sauer ver nas pp. 133 e 151.

chave, assim como incentivando e divulgando a Geografia Cultural, pois, conforme o dicionário de Geografia Humana,⁵ a maior tradição da geografia cultural do século XX tem sido a americana, estando ligada aos escritos e ensinamentos de Sauer. Também contribuiu, a partir dos debates suscitados, com a possibilidade de um redirecionamento na forma de abordar a paisagem e com novos aportes metodológicos, pois o pensamento científico tem um caráter de cumulatividade e dinamicidade. Uma outra questão a ser considerada, de acordo com MIKESSELL(2000:97), é que só se poderá entender os percursos futuros a partir da observação dos caminhos percorridos no passado. Sendo assim, é importante dedicar atenção ao trabalho daqueles que foram os pioneiros de maior expressão na Geografia Cultural.

A Geografia Cultural Tradicional, a partir da década de 50, sofreu um declínio, num período de grandes mudanças na geografia, introduzidas pela “revolução teórica-quantitativa”. Durante as décadas de 50 e 60, do século XX, o estudo da paisagem não foi predominante, mas, a partir da década de 70, desse mesmo século, segundo CORRÊA (1997:50), os geógrafos reconciliaram-se com a tradição que remonta ao passado, voltando a paisagem a ser um dos conceitos-chave da geografia, só que inserida em outras abordagens, em que são considerados os seus aspectos subjetivos, ou seja, a análise do seu significado.

Nesse contexto será focado o tema “**A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas**”, através de algumas acepções que trabalham o conceito de paisagem no contexto da Geografia Humanista e da Nova Geografia Cultural. Essas duas correntes de pensamento tiveram a contribuição tanto da geografia americana, que influenciaria os países anglo-saxões, como da geografia francófona. No entanto, o surgimento e o desenvolvimento de ambas se deu de forma independente, a partir de pressupostos diferentes, havendo contatos mais estreitos só a partir dos últimos anos da década de 1970 (HOLZER:1992:490). Sendo assim, analisaremos separadamente as contribuições dada à temática da paisagem pelos geógrafos anglo-americanos e francófonos.

A PAISAGEM GEOGRÁFICA NA PERSPECTIVA ANGLO-AMERICANA

Durante a década de 70, os geógrafos americanos que desenvolviam estudos na perspectiva da Geografia Humanista, começaram a demonstrar insatisfação com os rumos que a geografia tinha tomado em direção ao positivismo lógico, enquadrando a atividade humana dentro de padrões de comportamento cientificamente verificáveis.

⁵ - The dictionary of Human Geography, p. 87.

Diante desse contexto, esses geógrafos direcionaram seus estudos para as humanidades,⁶ que abordavam o comportamento humano considerando a sua individualidade e subjetividade (JACKSON:1992:20), adotando como referência as filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo.

MCDOWELL (1996:175) comenta que a Geografia Humanista representa um elo de ligação com a obra de Sauer. Ainda HOLZER (1992:25) afirma que é difícil falar da Geografia Humanista sem fazer referência a Geografia Cultural criada por Sauer, pois seus temas têm muitos aspectos em comum.

Uma característica da Geografia Humanista é a forma como a paisagem é apreendida, sendo levada em consideração a sua totalidade, de uma forma *holística*. Nesse sentido, todo o ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia a sua conduta. A realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximos uns dos outros, mas de forma simultânea.

Outra característica importante dessa corrente de pensamento é a sua concepção antropocêntrica. Assim, o homem seria a medida de todas as coisas, uma vez que toda explicação só seria satisfatória se estivesse fundada nas explicações e nos valores humanos. Nesse sentido, a cultura passou a ser concebida além dos aspectos materiais, baseada na percepção ou na subjetividade, significando um grande avanço, pois, a partir daí, a cultura passou a ter um caráter individual, sendo todos os indivíduos portadores de cultura. Dentro desse contexto, tanto os indivíduos como os grupos internalizam a cultura de forma diferenciada.

Como coloca MCDOWELL (1996:164), a partir da Geografia Humanista, houve uma nova compreensão da produção e da reprodução das culturas, através das práticas sociais que ocorrem ao nível espacial de maneira diferenciada. Para COSGROVE & DOMOSH (1993:29), o retorno à cultura na construção do conhecimento geográfico tornou-se fundamental porque a cultura é uma atividade eminentemente humana de modelar e compartilhar significado. Ainda segundo GOMES (1996:315), a contribuição do humanismo moderno foi a renovação da imagem do mundo, recolocando o homem no centro de sua cultura.

Os temas abordados segundo a perspectiva da Geografia Humanista tinham como enfoque os estudos de percepção ambiental,⁷ partindo do pressuposto de que o significado

⁶ - Ver como na década de 70 muitos geógrafos redirecionaram seus objetos de estudo das ciências sociais para as humanidades (JACKSON:1992:20-25).

⁷ - Segundo AMORIM FILHO (1996:139), as pesquisas de percepção ambiental se consolidaram como uma das diretrizes nos estudos do "*ambiente humano*", durante a década de 70, a partir dos

do comportamento humano na relação com o meio ambiente era baseado em crenças e valores. Essa concepção da Geografia Humanista representou uma grande contribuição, pois os estudos de percepção ambiental passaram a embasar a análise das relações estabelecidas entre as populações e o meio ambiente em diversas cidades do mundo, visando a gestão de lugares e paisagens.

A partir da década de 80, do século XX, no Brasil, as pesquisas tendo como abordagem a percepção ambiental assumiram papel de destaque nos estudos que envolvem análise e projetos ambientais (CASTELLO:1996:24).⁸ Nesse contexto, se insere a pesquisa empreendida por CASTELLO (1996), que se baseou nos estudos sobre a percepção ambiental do rio Guaíba, localizado na cidade de Porto Alegre, no âmbito do programa MAB,⁹ que visava a estudar as relações entre populações e o meio ambiente em cidades de todo o mundo.

Assim, a partir da implementação pelo poder público de um projeto de saneamento visando à regeneração bioquímica do rio Guaíba, que apresentava problemas ambientais graves, e da constatação das relações rompidas entre a cidade e o rio, teve início a pesquisa MAB - Porto Alegre, visando a analisar as possibilidades de o projeto de saneamento abarcar os problemas ambientais como um todo, ultrapassando o intuito meramente hidrosanitário do projeto, e, assim, ao contemplar as possibilidades ecológicas contidas no bojo desse projeto, tentar integrar a reabilitação física do rio ao que foi chamado de *“regeneração cultural do assentamento humano”*.

Segundo CASTELLO (1996:27), o rompimento das relações entre a cidade e o rio na área urbana ocorreu, por conta da poluição hídrica, pelo isolamento do rio da paisagem central da cidade, resultante da construção de alguns elementos que interceptavam a integração dessa paisagem, como um muro de proteção que existia ao longo do cais do

trabalhos desenvolvidos no âmbito do *“Grupo de Trabalho sobre a Percepção do Meio Ambiente”*, ligado à *“União Geográfica Internacional (UGI), e do Projeto 13: Percepção da Qualidade Ambiental, no Programa Homem e Biosfera da Unesco”*. Os estudos desenvolvidos pelo grupo da UGI abordavam os *“riscos do meio ambiente”* e os *“lugares e paisagens valorizados”*, enquanto que o projeto da UNESCO enfatizava o estudo da percepção do meio ambiente como fundamental para a gestão de lugares e paisagens que tinham importância para a humanidade. Nessa perspectiva é que foi criado o programa MAB (*Man and Biosphere*) da UNESCO, objetivando estudar as relações entre as populações e o meio ambiente em diversas cidades em torno do mundo.

⁸ - Podemos constatar esse fato através de publicações como as de DEL RIO & Oliveira (1996).

⁹ - O Programa Internacional Homem e Biosfera - MAB envolve um conjunto de cidades, em 40 países, entre elas a cidade de Porto Alegre, com o objetivo de desenvolver projetos de pesquisa na área ambiental. Uma das concentrações temáticas desse programa, o MAB 13, que trata da percepção da qualidade ambiental e serviu de base à pesquisa desenvolvida por CASTELLO, parte do pressuposto de que o homem tem um papel preponderante na biosfera, com uma responsabilidade direta na sua evolução. Consequentemente, tem-se de considerar os aspectos não quantificáveis da mente humana, tais como: a percepção do seu entorno e a maneira como ele concebe a qualidade de vida, para se entenderem as decisões que ele toma em relação à transformação do ambiente (CASTELLO : 1996: 23-24).

porto, para evitar eventuais inundações, pela linha férrea eletrificada do metrô de superfície, e pela falta de visualização da água, pois a cidade voltava suas costas para o rio.

Considerando esses aspectos, CASTELLO (1996:28) pautou a sua abordagem na corrente estruturalista¹⁰ da percepção ambiental, utilizando como técnicas de investigação mapas mentais, testes projetivos e questionários abertos para detectar a evolução e a diversidade das relações estabelecidas entre a população do centro de Porto Alegre com o rio Guaíba, a sua importância na formação das imagens da cidade e as expectativas da população com relação à recuperação da sua acessibilidade.

Com relação à avaliação da importância do rio Guaíba na evolução histórica da cidade, CASTELLO (1996:28) adotou um “*paradigma humanístico de análise ambiental*” que se baseia em registros de historiadores, crônicas literárias, imagens pictóricas e transcrições populares. Essa pesquisa através da aplicabilidade dos seus resultados, objetivava nortear projetos e intervenções ambientais no rio Guaíba e, apesar do reconhecimento de que a mesma não teria força legal para sua adoção, poderia ter influência através da sua divulgação, nas esferas formadoras de opinião. Segundo CASTELLO (1996:37), têm sido cada vez mais freqüentes as ações concretas do poder público, visando ao restabelecimento de relações entre a área central e o rio.

O exemplo acima citado, se baseia mais nos aspectos subjetivos da relação homem-meio, ao investigar os valores culturais e ambientais da paisagem, e, apesar de representar uma contribuição, no sentido de ressaltar a importância da consulta pública no direcionamento dos projetos e intervenções ambientais, não consideraram os diferentes interesses dos grupos envolvidos, nem os conflitos que poderiam ocorrer como resultado das diferentes maneiras de ver a paisagem.

A Geografia Humanista, na década de 80, começou a receber crítica às suas formulações. Uma delas foi quanto ao conceito cultural em que a paisagem era abordada, como uma produção da mente dos indivíduos ou grupos humanos, descolada do contexto histórico das relações humanas de produção e entre as pessoas e o mundo o qual habitam (COSGROVE:1978:70). Outra crítica foi com relação ao tratamento superficial que era dado ao contexto social (JACKSON:1992:20), feitas principalmente pelos geógrafos inseridos na Nova Geografia Cultural. No entanto os geógrafos humanistas também deram sua contribuição à criação dessa nova corrente de pensamento, uma vez que influenciariam um movimento de renovação dentro da Geografia Cultural, que acabou incorporando como um dos focos de análise a simbologia da paisagem.

¹⁰ - De acordo com DEL RIO & OLIVEIRA (1996:X), o estruturalismo entende a realidade como um conjunto de sistemas nos quais qualquer alteração sofrida por uma parte tenderá a se refletir no todo, numa relação de causa-efeito.

Os trabalhos incluídos na perspectiva de abordagem da Nova Geografia Cultural foram desenvolvidos principalmente pelos geógrafos anglo-saxões, que até então não haviam demonstrado interesse pela Geografia Cultural, sendo os temas culturais abordados no âmbito da geografia norte-americana (COSGROVE:1998b:13). De acordo com CORRÊA (1996:67), a “(...) *nova geografia cultural resgata e amplia as bases epistemológicas desenvolvidas pela Geografia Cultural de Sauer e dos geógrafos europeus*”.

Também amplia os temas tradicionais, ligados à paisagem cultural, assim como a paisagem passa a ser concebida em uma amplitude de abordagens, tendo por base uma matriz não-positivista. A simbologia da paisagem é analisada através das obras literárias, da pintura, da música e do cinema, sendo considerada sua representação a partir de diferentes grupos sociais. Como observa JACKSON (1992:23) essa reorientação da geografia cultural é resultado da convergência de interesse com a geografia social e da abertura para adotar a interdisciplinaridade com áreas do conhecimento que envolvem o campo dos estudos culturais.

Segundo a perspectiva de abordagem da Geografia Cultural Tradicional, a natureza do homem, da sociedade e do espaço não parecia apresentar problemas, no entanto, o que os novos geógrafos culturais descobriram é que os homens, os grupos e as paisagens variam e que são construídos em um momento e de forma específica. A cultura não é uma realidade global, ela é diversificada e está em constante evolução. É a partir dessas constatações, que representam um enorme ganho para a Nova Geografia Cultural, que os geógrafos anglo-saxões se dedicam aos estudos dos detalhes, querendo marcar sua ruptura com as abordagens “*superorgânicas*” sauerianas (CLAVAL:1999 b: 64).

Essa nova forma de abordar a paisagem, a partir de diferentes linguagens, em um contexto de *heterotopia*, suscitou debates entre os geógrafos inseridos na Geografia Cultural Tradicional¹¹ e na Nova Geografia Cultural que envolviam, além das questões teóricas, metodológicas e empíricas, uma base unitária na continuidade de certos temas (DUNCAN:1994:402). No entanto, esses debates tiveram como resultado o redirecionamento para uma posição central na Geografia Cultural, uma vez que foi

¹¹ - Um desses debates foi desencadeado em 1993 por PRICE & LEWIS, seguidores da Escola de Berkeley, a partir do artigo “*The Reinvention of Cultural Geography*”, no qual eles acusam um pequeno grupo de acadêmicos da Nova Geografia Cultural, representados por Duncan, Cosgrove e Jackson, de destratarem a Escola de Berkeley. Para esses autores, os novos geógrafos culturais, em vez de revitalizarem a Geografia Cultural Tradicional, estariam reinventando-a, uma vez que estariam colocando à parte todas as características que distinguem a Geografia Cultural americana (PRICE & LEWIS:1993:2). Nesse debate, houve a réplica dos geógrafos citados e a tréplica, que pode ser lida nos “*Annals of the Association of American Geographers*”, 83(3), 1993, pp.515-522. Apesar da existência dos conflitos entre os “*velhos*” e os “*novos*” geógrafos culturais, existem sinais da formação de uma base comum, que podem ser constatados através da publicação da obra “*Re- Reading Cultural Geography*” (Orgs.) Foote et al. (1994).

reconhecido que as idéias e as questões debatidas eram a evidência da vitalidade, contribuindo, assim, para a unificação e não para a divisão na disciplina.

Nessa direção, foi publicado o livro *“Re-Reading Cultural Geography”*, que representa uma combinação da tradição intelectual e do direcionamento das pesquisas mais recentes, definindo mais amplamente os campos de interesse na teoria social e nas relações entre sociedade e meio- ambiente, sob as mais diversas perspectivas. Em um dos artigos dessa coletânea, um dos seguidores da Geografia Cultural Tradicional, WAGNER (1994:8), reconhece que a Geografia Cultural continua a *“florescer”* e que, apesar de o seu foco de interesse ter mudado, a averiguação continua a mesma.

Diante da diversidade de opções com que a paisagem passa a ser analisada na Nova Geografia Cultural, com cada um dos pesquisadores diferindo na forma de abordar a paisagem com relação a natureza da teoria e a sua interpretação, o objetivo comum, na obra desses geógrafos pesquisadores, é a *“elucidação do processo cultural através do estudo das paisagens”*¹² (DUNCAN: 1990:4), pois *“a paisagem é uma forma de processo cultural”* (DUNCAN:1994:364).

Nessa linha de abordagem, podemos destacar a contribuição do geógrafo inglês Denis Cosgrove, que, segundo DUNCAN (1990:4), imprime uma nova marca na geografia cultural, sob a influência de John Berger,¹³ que parte do pressuposto de que as paisagens não são neutras, mas refletem as relações de poder e *“as maneiras de ver o mundo”* dominantes (MCDOWELL:1996:175). Berger considera também que os nossos conhecimentos e crenças afetam o modo como vemos a paisagem (BERGER:1974:13), pois a maneira de olhar a paisagem é cultural, assim, o pesquisador como está culturalmente situado, o modo como ele vê a paisagem é culturalmente e historicamente específico. Nessa perspectiva, o pesquisador é considerado um intérprete especial, desse modo, ao interpretar a paisagem segundo o seu ponto de vista e o daqueles que produzem, reproduzem e transformam a paisagem (DUNCAN:1990:15), é utilizado o método Hermenêutico, baseado nos pressupostos de Clifford Geertz.¹⁴ Assim como Cosgrove, outros geógrafos adeptos da

11- *“(…) elucidation of cultural process through the study of landscapes”.*

12- John Berger, no seu livro *“Maneiras de ver”* (1974), parte de algumas idéias de um programa de televisão *“Ways of Seeing”* e das idéias estéticas marxistas de Walter Benjamin (BERGER:1974:11). Para Berger, toda imagem representa uma maneira de ver, que desde o renascimento foi retratada através da expressão visual, representando para o espectador a maneira de ver o mundo da classe dirigente. Ainda segundo Berger, a ideologia da representação visual da Inglaterra no século XVIII, serviu para mistificar as relações de propriedade da terra. No mesmo período em que Berger levantou essas questões, Raymond Williams desencadeou uma polêmica semelhante, ao enfatizar a importância de se relatar as histórias das paisagens pintadas, escritas, ajardinadas e arquitetônicas, desde que relacionando-as à história da relação da terra com a sociedade à qual ela pertence (DANIELS & COSGROVE:1988:7).

¹⁴ - Geertz é considerado o mentor na utilização das correntes hermenêuticas na Antropologia norte-americana. Segundo Geertz, seria necessário se criar uma ciência interpretativa como forma de analisar a cultura que para ele seria semiótica e se basearia no conceito de Max Weber de que *“o*

Nova Geografia Cultural, adotaram a abordagem interpretativa, baseando-se nos modos de representação hermenêuticos, considerados centrais nas análises culturais (DUNCAN & LEY:1993:3). A hermenêutica entendida como a arte de interpretação na modernidade, constituiu-se em um método baseado na compreensão dos fatos na sua totalidade e na interpretação do significado de textos, compreendidos como a cultura, e de ações em particular. Através da compreensão, seria possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas, e as totalidades são compostas pelo que é expresso no contato com a vida (GOMES:1996:110-116). Segundo Mircea Eliade, a definição de um novo humanismo não poderia privar-se da hermenêutica, único método eficaz de interpretação.¹⁵

O conceito cultural adotado por Cosgrove baseia-se no enfoque de Raymond Williams, que aborda as relações entre cultura e sociedade (DUNCAN:1990:15). Nesse contexto, a cultura é definida em relação “*as forças materiais reais e as relações sociais que aquelas forças evocam*” e ainda abordada como “*processo*”, através dos quais “*os significados são construídos, negociados e experienciados*” (JACKSON:1992:20).

Na sua abordagem, Cosgrove propõe a integração entre o materialismo dialético e a apreensão da paisagem por meio do seu significado, pois ele considera que a paisagem deve ser analisada como resultante da forma como a sociedade a organiza a partir do modo de produção, dotando-a de significado. O próprio conceito de paisagem, para COSGROVE & JACKSON (2000:18), é uma forma especial de dar significados, estruturar e compor o mundo externo, “*cuja história tem que ser entendida em relação a apropriação material da terra*”.

Nessa direção, COSGROVE (1978:70) ressalta a necessidade de cooperação entre os teóricos da geografia cultural humanista e os da geografia social marxista, para, em conjunto, explorar o mundo do homem e as geografias da mente, ajudando a compreensão da paisagem geográfica nos seus aspectos objetivos e subjetivos. Nessa perspectiva de abordagem, a paisagem teria, ao mesmo tempo, um componente objetivo, pois é apropriada e transformada pela ação do homem, e um componente subjetivo, que são os significados

homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ: 1973:15), e a cultura seria essas teias. Essa ciência seria a Etnografia, cujo papel seria ler a cultura como um “*texto*”, baseado numa “*descrição densa*” (fundamentada no significado particular que têm as ações sociais para os atores que eles são). No livro *Negara* (1980), Geertz expõe a sua antropologia interpretativa, enfatiza que o papel da antropologia é compreender o “*ponto de vista*” dos membros de uma sociedade, pois os mesmos acontecimentos podem assumir diferentes significados, dependendo da interpretação do observador, sendo assim, a etnografia se baseia em “*verdades parciais*”. A abordagem de Geertz também foi alvo de crítica, como podemos verificar em JACKSON (1992:173).

¹⁵- ELIADE apud GOMES, P. (1996:312). Para maiores esclarecimentos sobre a Hermenêutica ver: WEINSHEIMER, J. (1985); DUNCAN, J. et al. (1994:8-10); OUTTHWAITE et al. (1996:350-354); GOMES(1996:110-116).

contidos na paisagem para aqueles que “a fizeram, a alteraram, a mantiveram, (e) a visitaram (...)” (COSGROVE:1998a:109).

Para PENNING- ROWSELL & BURGESS (1997), somente nas abordagens mais recentes, nos Estados Unidos e na Inglaterra, ganhou importância o entendimento de como os significados do mundo natural são socialmente construídos, sendo fundamental a análise desse processo para uma melhor compreensão das paisagens, que é a perspectiva na qual se baseia a Nova Geografia Cultural.

Tendo em vista esse contexto, PENNING- ROWSELL & BURGESS organizaram uma coletânea no periódico “*Landscape Research*”, publicada em 1997, que representa uma contribuição aos estudos de paisagens de rios. Nesse periódico, estão reunidas algumas abordagens, numa perspectiva interdisciplinar, com a participação de geógrafos, cientistas ambientais, cientistas sociais, arquitetos paisagistas e engenheiros, visando relatar algumas experiências que tratam de questões referentes à paisagem de rios e ao seu gerenciamento com o objetivo de contribuir para o (re) pensar das intervenções engendradas por obras de engenharia.

Para enfrentar a situação crítica gerada pelos altos níveis de contaminação dos mananciais e de cheias periódicas que representavam uma ameaça à saúde e a segurança dos habitantes das cidades, começaram a ser feitas intervenções de caráter técnico alterando as paisagens visíveis dos recursos hídricos, assim como as formas de vida das comunidades diretamente afetadas. Essa prática suscitou conflitos e debates¹⁶ envolvendo os habitantes das áreas atingidas pelas intervenções, porque essas eram planejadas sem a participação dos mesmos. A reivindicação desses habitantes, que pertenciam a diferentes grupos culturais, com tipos de interesses distintos, era a participação ativa nas decisões relacionadas às intervenções, de forma a que fossem também consideradas “as maneiras de ver” a paisagem, a partir das suas próprias perspectivas. Os planejadores, ao proporem intervir nas paisagens, segundo a sua visão de mundo, tinham como justificativa salvaguardarem o “interesse público”. No entanto, GOLD & BURGESS (1997:1-5), questionam a “natureza desse interesse público”, porque as intervenções ambientais ou urbanas que ocorrem segundo a “maneira de ver” a paisagem dos grupos culturais dominantes podem até coincidir com as dos outros grupos culturais, mas em geral elas são conflitantes. Assim, os pesquisadores propõem encontrar caminhos que permitam chegar aos significados das paisagens, levando em consideração tanto “as maneiras de ver” dos grupos culturais como um todo, como a necessidade de resolver as questões ambientais.

¹⁶ - Ver artigo de COSGROVE, ROSCOF & RYCROFT (1996:534-551) que analisa, no âmbito dos projetos de controle da água nos reservatórios de Ladybower e Rutland Water, na Inglaterra, os discursos que envolvem o desenho e a implementação desses projetos, visando a articular as diversas e frequentes oposições entre identidades culturais.

Com relação ao Brasil, a partir do ano 2000, surgem algumas pesquisas que tratam das paisagens de rios urbanos, na perspectiva da Nova Geografia Cultural. Temos como exemplo o estudo desenvolvido por COSTA & MONTEIRO (2002), que trata das paisagens de rios urbanos, considerando tanto o componente subjetivo da paisagem, como a base objetiva, tendo como pressuposto o entendimento de que as paisagens não são neutras, mas refletem as relações de poder entre os diferentes grupos culturais.

Nesse contexto, este estudo enfoca os valores e significados que tem o rio Cachoeira, na cidade do Rio de Janeiro, para os habitantes de um determinado recorte espacial, o bairro de Itanhangá, e faz parte do desenvolvimento de uma pesquisa mais ampla, que tem como alvo a análise das inte-relações que se estabelecem entre os sistemas cultural e da natureza, visando a entender a inserção paisagística das águas urbanas nas cidades.

Nesse sentido, o estudo fundamenta-se em uma estrutura teórico-metodológica multidisciplinar, adotando duas abordagens que se completam. Uma compreende à paisagem como construção cultural e ideológica, utilizando como base a análise dos significados da paisagem a partir das experiências da população, entendendo que a maneira de ver a paisagem não é homogênea, tendo significados distintos para os grupos sociais. Sendo assim, podem existir conflitos resultantes das diferentes visões e expectativas desses grupos. Essa perspectiva de abordagem considera que as paisagens são produtos culturais em constante transformação e interpretação por parte daqueles que as alteram, as mantêm e as usufruem.

A outra abordagem centra-se no entendimento de como os processos naturais rebatem na forma urbana. E, visando à melhoria da qualidade do ambiente urbano, ressalta a importância da conexão entre os valores ambientais, estéticos, culturais e econômicos, norteando as propostas de intervenção nas cidades.

Um outro exemplo de estudos de paisagens de rios urbanos, nessa linha de abordagem, foi desenvolvido por MAYRINCK (2003), tendo como tema principal a paisagem do rio Capibaribe, situado na cidade de Recife, tendo como recorte espacial uma determinada porção dessa paisagem, e abrange o período entre o final da década de 70 do século XX e o início do século XXI, considerando-se o processo histórico e cultural que ocorreu antes desse período.

Esse rio que era utilizado como suporte de atividades utilitárias e como lazer, até meados do século XIX, deixou de ser, em consequência da poluição apresentada, como resultado da ação dos grupos culturais sobre esse ecossistema. Assim, essas paisagens revelam a relação cultural estabelecida entre os habitantes da cidade de Recife e esse

elemento hídrico e podem ser entendidas através da interpretação das camadas de significados que as envolvem.

Nesse contexto, este estudo, com base nos fundamentos da Nova Geografia Cultural, interpreta as formas como os grupos culturais, se apropriaram das margens do rio Capibaribe e confeccionaram as suas paisagens e também como esses grupos representaram/ representam essas paisagens e os significados que o rio teve/ tem para eles.

A interpretação dos significados e representações através dos registros de mapas, litografias, poesias, relatos de viajantes, fotografias, matérias de jornais e depoimentos orais, que se constituem como “*produtos culturais*”, evidencia as diversas “*maneiras de ver*” as paisagens do rio Capibaribe, com base em crenças, valores e interesses distintos. No entanto, os planejadores urbanos e ambientais, ao intervir nessas paisagens, de acordo com as suas representações, não consideram a realidade vivenciada por esses grupos culturais, ou seja, o significado que elas têm para eles gerando, assim, conflitos, pois as paisagens não são vistas por esses grupos da mesma forma. Nesse sentido, considerar a confecção dessas paisagens como resultado das várias expressões culturais deve fazer parte da práxis do planejador urbano.

É nessa perspectiva que este trabalho visa a contribuir, levando também à reflexão sobre a necessidade de requalificar as águas do rio Capibaribe e revitalizar as suas margens, pois só assim esse bem único, importante sob o ponto de vista paisagístico, histórico, biológico e ecológico, poderá voltar a ser usufruído pelos habitantes da cidade do Recife e pelos turistas como lazer ativo e contemplativo, com o intuito de resgatar a relação de integração com esse elemento hídrico, representado como o símbolo que identifica a cidade do Recife.

Considerando essa diversidade de enfoques sob a temática da paisagem, o objetivo comum no estudo desses pesquisadores é segundo COSGROVE (1994:387) “*descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações feitas por nossa existência no mundo da natureza, e acima de tudo, os significados que as culturas atribuem para sua existência e para as suas relações com o mundo natural*”.¹⁷ No entanto, COSGROVE (1994:388) admite as dificuldades teóricas enfrentadas pelos geógrafos culturais em trabalhar em conjunto cultura e natureza, pois no pensamento moderno esses dois campos pertencem a domínios distintos. Segundo ele essa é a causa do debate entre idealismo e materialismo ou voluntarismo e determinismo ocorridos entre os geógrafos culturais.

Para COSGROVE (1994:388) o ser humano faz parte da natureza, assim como distingue-se e separa-se contextualmente dela através do intelecto e da razão. Devido a esses aspectos da natureza humana, o homem intervêm no mundo natural modificando-o, enquanto que nesse processo ele também se modifica. O mundo natural não existe por si mesmo, mas a partir da nossa apreensão mediada pela consciência, fazendo dele um resultado da cultura, pois todos nós somos portadores de cultura. Essa cultura não-material é definida pelos valores compartilhados e crenças, constituindo a imaginação coletiva (COSGROVE:1994:388).

De acordo com COSGROVE (1994:388) é a imaginação que dá significado ao mundo, mas ela não é constituída somente de sentidos, que faz alinhar-nos a natureza, ou apenas de razão, que nos separa dela. Assim é importante que se reconheça a centralidade da imaginação em produzir significados, pois isto pode ajudar a resolver o dualismo entre materialismo e idealismo, embora isso não seja suficiente para resolver todos os problemas teóricos dos estudos que visam revelar os significados do mundo (COSGROVE:1994:389).

A PAISAGEM GEOGRÁFICA NA PERSPECTIVA FRANCÓFONA

A Geografia Regional francesa devido a sua ligação com a História, e com as pesquisas de modos de vida locais, como ressaltam BAILLY & GREER- WOOTEN (1983:353), nunca foi uma ciência eminentemente positivista, se preocupando sempre com a dimensão cultural ou com temas que exploravam aspectos subjetivos do entorno. Sendo assim na década de 70, os geógrafos franceses ao reestruturarem a Geografia como disciplina não estavam preocupados em questionar a “revolução teorética-quantitativa”, mas com novas premissas que permitissem sua estruturação em torno de um tema central para chegar a uma Geografia Geral, objetivando entender melhor as conexões espaciais. Segundo CLAVAL (1986:43), esta reestruturação não tinha as mesmas conotações positivistas ou econômicas que teriam na América do Norte ou na Grã-Bretanha. No caso francês não houve ruptura com a geografia tradicional nem adoção explícita à fenomenologia, o que facilitou o desenvolvimento de uma epistemologia e metodologias que não se conflitava com suas temáticas básicas, como a geografia regional ou a preocupação social estruturalista (HOLZER:1992:486).

Nesse contexto, a geografia francesa durante a década de 70 se reestruturou a partir da produção de seus próprios pensadores, sendo desenvolvida uma corrente de pensamento reconhecida como “*espaço vivido*”, tendo como principal representante A. Frémont que afirmava ter desenvolvido seus estudos sem ligação com o humanismo

¹⁷ -“describing and understanding the relations between collective human life and natural world, the transformation wrought by our existence in the world of nature, and above all, the meanings that culture ascribe to their existence and to their relations with the natural worlds”.

fenomenológico existencialista (FRÉMONT:1980:18), apesar de suas preocupações serem similares as dos humanistas anglo-saxônicos.

A proposta de Frémont nessa obra era revalorizar o estudo das regiões sob o ângulo do espaço vivido, pois segundo ele as regiões além dos componentes administrativos, históricos, ecológicos e econômicos, possuíam também os componentes psicológicos, sendo assim deveriam ser analisadas como uma dimensão da experiência humana inserida nas redes de valores e de significações materiais e afetivas. Neste trabalho ele utilizou como referência, além de obras de geógrafos franceses, outras da área de ciências humanas, como a psicologia genética de Piaget, a sociologia de inspiração marxista, e por fim a psicanálise. Nesta década na França não foi dado ênfase aos estudos do significado das paisagens, diferentemente dos Estados Unidos e Inglaterra.

Na década de 80 os adeptos da corrente de pensamento do espaço vivido abandonaram essa temática, sendo introduzida uma aproximação com a geografia humanista anglo-saxônica, a partir do intercâmbio do geógrafo Bailly com a geografia comportamental e com a geografia humanista norte-americana e a tentativa de divulgação da geografia humanista por parte do coletivo anglo-saxão para além das suas fronteiras. No entanto a geografia humanista francófona ocorreu de forma bastante independente da geografia humanista anglo-americana.

A nova proposta epistemológica criada por Bailly e denominada “*Geografia das Representações*”, oferecia uma ponte entre o comportamentalismo e o humanismo, e uma ligação entre o indivíduo e o social. Ele preferiu utilizar o vocábulo “*representação*”, criado por Piaget, recusando a denominação tradicional de “*percepção*”, pois para ele o primeiro termo era mais apropriado por ser a evocação de um objeto na sua ausência, duplicando a sua presença e completando o conhecimento perceptivo a que se refere, enquanto que “*percepção*” é simplesmente a função pela qual o espírito representa os objetos que estão na sua presença (BAILLY:1985:200).

Inserida nessa abordagem de Bailly, associado a Raffestin e Raymond, foi desenvolvida uma proposta do conceito de paisagem. Segundo esses autores “*Essa paisagem que os geógrafos estudam é um depósito da História, portanto também um produto de uma ‘prática’ entre os indivíduos, desigual em sua ação sobre a paisagem, e uma realidade material à qual eles são confrontados*”¹⁸ (BAILLY, RAFFESTIN & RAYMOND: 1980:278). De acordo com esses autores, para propor uma geografia das paisagens era necessário saber em que nível se situar, já que existem ao menos dois: um que destaca a produção outro que destaca o consumo; do planejador contra o usuário. O

nível delimitado nesse artigo seria o da paisagem como é percebida pelo homem- habitante. Eles proporião um caminho para essa incursão epistemológica: iniciariam duas proposições e duas hipóteses que resultariam em dois sistemas de trabalhos relativos às bases de funcionamento da percepção, que finalmente seriam confrontados com uma paisagem real, a paisagem urbana de Belfort.

A primeira proposição era a de que a experiência cognitiva pode ser estudada cientificamente porque reflete uma intencionalidade. A Segunda proposição era a de que o objetivo real não existe além dos nossos constructos, resultando na hipótese de que o ator engajado na experiência cotidiana, atribui valores às paisagens. Assim existem duas conotações nessa proposta da paisagem; uma fenomenológica e outra positivista. Os autores procuraram criar uma ponte entre o construtivismo de Piaget e o ambientalismo de Skinner, colocando alguns princípios da fenomenologia como mediadores. Em 1989 A. Berque fez uma crítica a Bailly acusando-o de fazer uma mistura positivo-humanista e de falta de rigor no emprego dos termos fenomenológicos.

Ainda na década de 80 tiveram outras proposições semelhantes a da “*Geografia das Representações*”, que procuravam conciliar os ensinamentos das geografias comportamentais com as geografias do espaço vivido. Por outro lado geógrafos mais ligados às questões culturais, tanto tradicionalistas como estruturalistas, optaram pela discussão da paisagem lablachiana, dando-lhe uma nova conceituação e explorando os mecanismos que a tornam um objeto de estudo privilegiado para uma geografia preocupada com os aspectos subjetivos da percepção (HOLZER:1992:487).

A produção francófona também contribuiu com a Nova Geografia Cultural, através do surgimento da discussão sobre o papel da cultura para a geografia oferecida por alguns geógrafos. Segundo CLAVAL(1999a:58) a perspectiva adotada por esses geógrafos tem como referência os discursos que as diferentes culturas fazem sobre o mundo e a natureza. Nesse sentido eles descobrem o interesse das fontes literárias. A Nova Geografia Cultural tem como principal temática a paisagem, sendo analisada a sua permanente elaboração por aqueles que as habitam, como a gênese dos traços da organização do espaço (CLAVAL:1999a:312).

Um dos geógrafos que representou uma importante contribuição ao entendimento da simbologia da paisagem, dentro dessa perspectiva foi Berque. Na concepção dele a geografia cultural seria o estudo do sentido, tanto unitário como global, que a sociedade faz de sua relação com o espaço e a natureza, que concretamente é vista como paisagem.

¹⁸ - Ce paysage qu'étudient les géographes est un dépôt de l'histoire, donc aussi le produit d'une 'pratique', entre des individus, inégaux dans leur action sur le paysage, et une réalité matérielle à laquelle ils sont confrontés”.

Sendo a manifestação concreta dessa relação, pode ser objetivada analiticamente através de sua relação com o sujeito coletivo (BERQUE: 1998:84).

Na sua proposta Berque consideraria a paisagem como *marca* e ao mesmo tempo como *matriz*. Assim “*A paisagem é uma marca, pois ela expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno*” (BERQUE:1998:84-85). Nesse sentido ela é objetiva pois se refere a um contexto concreto, e ao mesmo tempo ela é subjetiva porque evoca o imaginário.

Em outro trabalho, publicado em 1994, Berque parte do pressuposto de que a análise da paisagem não deve se pautar apenas pelo aspecto visível, ou seja, pelo seu caráter morfológico, assim como não deve se reduzir aos estudos psicológicos. Apesar da paisagem ter sua especificidade na forma de ser observada, através da sua subjetividade, ela é mais do que um ponto de vista ótico e um “*espelho da alma*”. Sendo assim ela também se refere aos objetos concretos, tendo um suporte objetivo. A paisagem é dada pela integração do sujeito com o objeto (BERQUE:1994:5).

Para HOLZER (1992:491), a geografia francófona pelo fato de ter como referência a tradição clássica de se apoiar no trabalho de campo, de se dedicar à geografia de outros países e de utilizar forte base etnográfica, aliada à uma ausência de preconceitos filosóficos, tornaram-na uma alternativa às questões epistemológicas mais rígidas e metodologicamente menos baseada na prática dos geógrafos anglo-americanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto deu-nos a oportunidade de percorrer de forma breve algumas trilhas na verificação da temática da **paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas**. Durante esse trajeto pudemos verificar quanto é longo o caminho que nos leva as origens da Geografia Cultural. Segundo MIKESSELL (1972:1), a Geografia Cultural enquanto produto de iniciativas empreendidas em direção ao final do século XIX, tem sido um dos empreendimentos geográficos mais duráveis. Nesse percurso, desde aqueles primórdios até a fase mais recente da modernidade, várias tendências incluídas nas diferentes correntes de pensamento, empreenderam amplos debates resultando em choques e adequações num processo dinâmico e cumulativo, característico do pensamento científico.

No percurso da Nova Geografia Cultural, a partir da década de 80, as questões culturais têm estado cada vez mais presentes nas suas temáticas que se ampliam numa “*heterotopia*” que mostra uma riqueza de diversidade, na tentativa de revelar o significado do

mundo a partir da prática social. Esse contexto reflete a complexidade do momento atual, que apresenta por um lado o mundo num processo de globalização da economia e por outro a eclosão de problemas culturais causando uma crescente inquietação na sociedade.

As abordagens existentes até a década de 70 não consideravam os aspectos subjetivos da realidade, pois partiam do pressuposto de que a razão seria a grande verdade científica para explicar as relações do homem com o mundo. Apesar dessas correntes continuarem representando a hegemonia do pensamento científico, mostraram-se insuficientes para explicar as transformações em curso. Sendo assim para tentar se compreender o processo de mudança mundial que tem ocorrido de forma tão rápida, é importante que nas abordagens existentes e nas que poderão surgir seja considerado cada vez mais o imaginário da sociedade representado pelo seu caráter plural, dado pelos aspectos social e econômico, assim como por suas contradições, valores, crenças e paixões, pois a cultura é definida pelo seu caráter objetivo e subjetivo.

Apesar dos geógrafos culturais, como coloca COSGROVE (1994:189), tentarem através dos seus estudos revelar o que o mundo significa, não existem certezas proféticas, pois, além do conhecimento científico ser dinâmico, a interpretação das paisagens envolve o pesquisador, que traz consigo uma carga cultural e social expressa na sua visão de mundo. Tomando como referência as palavras de (MORIN:1988:19): *“Hoje só podemos lançar-nos com a incerteza, inclusive a incerteza sobre a dúvida. Hoje temos de por metodicamente em dúvida o próprio princípio do método cartesiano, a disjunção dos objetos entre si, das noções entre si (as idéias claras e distintas), a disjunção absoluta do objeto e do sujeito. Hoje, a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades. (...) Temos que partir da extinção das falsas clarezas. Não do claro e do distinto, mas do obscuro e do incerto; não do conhecimento seguro, mas da crítica da segurança”*.

A análise de temas culturais composta de processos subjetivos e objetivos, não constitui campo exclusivo de abordagem de um único método específico; como também não pode prescindir da combinação de alguns métodos para a superação das suas peculiaridades, tendo em vista uma maior compreensão do objeto a ser analisado segundo a proposta em que se insere a Nova Geografia Cultural.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, (1996). Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG. In: *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. (Org.) V. Del Rio et al. São Carlos, Editora da UFSCar, pp.139-152.

Annals of the Association of American Geographers, 83 (3), 1993; pp.515-522.

BAILLY, A. (1985). Distance et espaces: Vingt ans de géographie des représentations. In: *L'Espace géographique*. 14(3), pp. 197-205.

- BAILLY, A. & GREER - WOOTTEN, B. (1983). Behavioural geography in Francophone countries. In: *Progress in Human Geography*. 7(3):344-356.
- BAILLY, A. ; RAFFESTIN, C. & REYMOND, H.(1980). Les concepts du paysage: problématique et representations. In: *L'espace géographique*. 9 (4) : 277-286.
- BERGER, J. (1974). *Modos de ver*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A.
- BERQUE, A. (1994). Cinq propositions pour une théorie du paysage. In: BERQUE, A.(Org.). Paris, Champ Valon.
- _____ (1998). Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. (Org.) R. L. Corrêa et al. Rio de Janeiro, EdUERJ, pp.84-91.
- CASTELO, L.(1996). A Percepção em análises ambientais: O Projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. In: *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. (Orgs.) Del Rio et al. São Paulo, Studio Nobel, Editora da UFSCar, Pp. 23-38.
- CLAVAL, P.(1986). Francia. In: *La Geografia Atual: Geógrafos y tendencias*. (Org.) Claval, P. et al.Barcelona, Ariel, pp.27-45.
- _____ (1999 a). Qu'apporte l'approche culturelle a la Géographie? In: *Géographie et Culture*. 31: 3-24.
- _____ (1999 b). A geografia cultural: o estado da arte. In: *Manifestações da Cultura no Espaço*. (Org.) R.L. Corrêa et al. Rio de Janeiro, EdUERJ, pp. 59-97.
- CORRÊA, R. L.(1989). Carl Sauer e a Geografia Cultural. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 51(1), pp. 113-122.
- _____ (1997). A Paisagem Geográfica- Uma Bibliografia. In: *Espaço e Cultura* nº4. Rio de Janeiro, NEPEC, UERJ, pp.50-54.
- COSGROVE, D.(1978). *Place, landscape and the Dialectics of Cultural Geography*. The Canadian Geographer, XXII (1). pp.66-72.
- _____ (1994). Worlds of Meaning: Cultural Geography and Imagination. In: *Re-Reading Cultural Geography*. (Orgs.) Foote, K. et al. Austin, The University of Texas Press.
- _____ (1998 a) . A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. (Org.) Corrêa, R. L. et al. Rio de Janeiro, EdUERJ, pp. 92-123.
- _____ (1998 b). Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: *Espaço e Cultura* nº 5. Rio de Janeiro, NEPEC, UERJ, pp. 5-29.
- COSGROVE, D. & DOMOSH (1993). Author and Authority: writing the New Cultural Geography. In: *Place/Culture/Representation*. (Orgs.) Duncan et al. London/New York. Routledge. pp.25-38.
- COSGROVE, D. & JACKSON, P.(2000). Novos Rumos da Geografia Cultural. In: *Geografia Cultural: Um século(2)*. (Orgs.) Corrêa, R. et al. Rio de Janeiro, eduerj, pp. 15-32.
- COSTA, L. & MONTEIRO, P.(2002). Rios Urbanos e Valores Ambientais. In: *Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. (Orgs.) Del Rio et al. Rio de Janeiro, Contra-capla e Coleção Proarq, pp. 291-298.
- DANIELS, S. & COSGROVE, D.(2000). Introduction: iconography and landscape. In: *The Iconography of landscape*. (Orgs.) Cosgrove, D. et al. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 1-10.
- DEL RIO, V.(1996). Cidade da Mente, Cidade Real: Percepção e Revitalização da Área Portuária do RJ. In: *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. (Orgs.) Del Rio et al. São Paulo, Studio Nobel, Editora da UFSCar, pp.3-22.
- Dicionário do Pensamento Social do Século XX (1996). (Orgs.) Outthwaite, W. et al. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 350.
- DUNCAN, J.(1980). The Superorganic in American Cultural Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 70(2) : 181-198.

- _____(1990). The City as Text: the politics of landscapes interpretation. In: *the Kandyan kingdom*. USA, Cambridge University Press.
- _____(1994). After the Civil War: Reconstructing Cultural Geography as Heterotopia. In: *Re-Reading Cultural Geography*. (Orgs.) Foote, K. E et al. Austin, The University of Texas Press. pp. 401-408.
- DUNCAN, J. & LEY, D. (1993). Preface. In: *Place/ Culture/ Representation*. (ORGs.) Duncan et al. London/New York. Routledge.
- FRÉMONT, A. (1982). *A Região, Espaço Vivido*. Coimbra, Ed. Almedina.
- GOLD & BURGESS, J. (1997). Preface. In: *Landscape Research*. (Orgs.) Penning-Roussel, et al. - Vol.22, n° 22, England.
- GOMES, P. C. (1996). *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand.
- HARTSHORNE, D. (1969). *Questões sobre a Natureza da Geografia*. Rio de Janeiro, Instituto Panamericano de Geografia e História.
- HOLZER, W. (1992). *A Geografia Humanista-Sua Trajetória de 1950 a 1990*.
Dissertação de Mestrado, Depart. de Geografia, UFRJ, datil., 2 volumes.
- JACKSON, P. (1992). *Maps of Meaning: An introduction to cultural geography*. London and New York, Routledge.
- LOWENTHAL, D. (1976). Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: *Perspectivas da Geografia*. São Paulo, DIFEL, pp.103-140.
- MAYRINCK, V. (2003). *Um recorte da paisagem do rio Capibaribe: seus significados e representações*. Tese de Doutorado em Geografia Humana, UFRJ, Rio de Janeiro.
- MCDOWELL, L. (1996). A transformação da Geografia Cultural. In: *Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social*. (Orgs.) Gregory, D. et alii. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- MIKESEL, M. W. (1972). Landscape. In: *Man, Space, and Environment. Concepts in Contemporary Human Geography*. (Orgs.) English, P. W. & Mayfield, R. C., New York, London, Toronto, Oxford University Press, pp. 9-15.
- _____(2000). Posfácio: Novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. In: *Geografia Cultural; um século (2)*. (Ogs.) Corrêa, R. et al. Rio de Janeiro, eduerj, pp. 85-109.
- MITCHELL, D. (1999). Não Existe Aquilo que Chamamos de Cultura: Para uma Reconceitualização da Idéia de Cultura em Geografia. In: *Espaço e Cultura, n°8, Ago./Dez. 1999*. Rio de Janeiro, UERJ, pp.31-51.
- MORIN, E. (1988). *O método: a natureza da natureza*. Lisboa, Biblioteca Universitária.
- PENNING-ROUSELL, E. & BURGESS, J. (1997). River Landscapes: changing the concrete overcoat? In: *Landscape Research*. (Orgs.) Penning-Roussel, E. et alii – Vol.22, no. 22, England.
- PRICE, M. & LEWIS, M. (1993). The Reinvention of Cultural Geography. In: *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 83, n° 1, pp.1-17.
- SAUER, C. O. (1963). The Morphology of Landscape In: *Land and Life: A Selection from the writings of Carl Otwin Sauer*, (Orgs.) Leighly, J. Berkeley University of California Press.
- The Dictionary of Human Geography. (Orgs.) Johnston, R. et al., pp. 87.
- WAGNER, P. (1994). Foreword: Culture and geography: Thirty years of advance. In: *Re-Reading Cultural Geography*. (Orgs.) Foote, K. et al. Austin, The University of Texas Press, pp. 3-8.
- WAGNER, P. & MIKESELL, M. (1962). Preface. In: *Readings in Cultural Geography*. U.S.A., The University of Chicago Press.

WEINSHEIMER, J. (1985). *Gadamer's Hermeneutics: A Reading of Truth and Method*. New Haven and London, Yale University Press.